



ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE PRECOCE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O ENSINO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS

EARLY BILINGUAL LITERACY: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW OF EARLY TEACHING IN CHILD EDUCATION AND ELEMENTARY SCHOOL

Isabela Vieira Barbosa ¹⁹

Recebido: 19/out/2019

Aceite: 24/jan/2020

DOI: <https://doi.org/10.29327/2.1373.2.1-2>

RESUMO: O objetivo desse trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre a escolha pela alfabetização bilíngue na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Visto que muitos pais e profissionais acreditam que algumas crianças não estão preparadas para o domínio de mais de um idioma, enquanto outros profissionais e especialistas debatem o tema. Assim, esse artigo está dividido em introdução, seguido por uma breve explanação sobre os conceitos de alfabetização e ensino bilíngue, e posteriormente apresentamos as principais pesquisas realizadas acerca do tema, e finalizamos discutindo os principais achados acerca do tema. A partir dessa análise concluímos que as pesquisas defendem que o ensino bilíngue proporciona ganhos cognitivos, além da faixa etária ser compreendida como uma “janela de oportunidade” para aprendizagem. Entretanto, existem fatores que pesam contra o ensino bilíngue, motivados por mitos e condições sociais. Neste sentido, poucas oportunidades são ofertadas para estudantes de grupos minoritários, ou de baixo poder aquisitivo.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Bilíngue; Ensino Bilíngue; Educação Básica.

ABSTRACT: The aim of this paper is to carry out a literature review on the choice of bilingual literacy in early childhood education and in the early years of primary school. Since many parents and professionals believe that some children are unprepared for mastery of more than one language, while other professionals and experts discuss the topic. Thus, this article is divided into an introduction, followed by a brief explanation about the concepts of literacy and bilingual education, and afterwards we present the main

¹⁹ Mestre em Educação. Universidade Regional de Blumenau (FURB). Linha de Pesquisa: Linguagens, Arte e Educação. E-mail de contato: miss.vieira@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1939-572X>



researches done on the subject, and we conclude by discussing the main findings on the subject. From this analysis we conclude that research argues that bilingual education provides cognitive gains, and the age group is understood as a "window of opportunity" for learning. However, there are factors that weigh against bilingual education, motivated by myths and social conditions. In this sense, few opportunities are offered to students from minority or low-income groups.

KEYWORDS: Bilingual literacy; bilingual education; basic education.

INTRODUÇÃO

No contexto histórico, durante muitos anos a educação bilíngue foi vista por educadores e familiares como algo prejudicial para o desenvolvimento mental da criança (BUTLER; HAKUTA, 2004). Algumas das primeiras pesquisas realizadas acerca do tema apontavam o bilinguismo como a principal causa de baixo quociente intelectual. Acreditava-se ainda, que uma criança exposta ao bilinguismo tão cedo, perdia parte da capacidade de aprendizado. Debatia-se ainda que o ensino precoce de mais de uma língua poderia ocasionar confusão linguística, levando a criança a cometer erros na utilização de um idioma e misturando palavras e regras gramaticais. Nesses estudos, discutia-se até mesmo, que essa confusão ocasionada pelo ensino precoce de mais de uma língua, poderia ser responsável pela mudança de personalidade em crianças na idade de alfabetização (ERVIN, 1964).

Atualmente, a alfabetização bilíngue em crianças avançou, assim como os debates acerca da educação bilíngue e do bilinguismo, mas ainda são encontradas resistências. Enquanto alguns pais e estudiosos veem a educação bilíngue com bons olhos, como uma possibilidade de aprendizado que abre portas e aproveita uma faixa etária jovem e de grandes possibilidades de aprendizado, outros acreditam que não passa de um capricho, e até certa iniquidade dos pais, de colocarem crianças tão jovens para fazer tal atividade que em suas opiniões requer tamanho esforço. E ainda há aqueles que possuem um pensamento semelhante aos dos estudiosos dos anos 60, que acreditavam que não só era desnecessária a educação bilíngue como era prejudicial. O que hoje discute-se, é que a alfabetização bilíngue precoce é considerada hoje, por



professores e especialistas, uma das formas mais fáceis de alfabetizar uma pessoa em um segundo idioma.

Megale (2005) discorre que o Ensino Bilíngue que ocorre durante a infância, pode se caracterizar como simultâneo ou consecutivo. Para este artigo, consideraremos como ensino bilíngue, o ensino e aprendizagem em mais de uma língua, conforme Hornberger (1991). Podemos, nesse sentido, definir como educação bilíngue àquela “em que duas línguas são usadas como meio de instrução” (HORNBERGER, 1991, p. 217).

Neste sentido, o presente artigo visa apresentar uma revisão bibliográfica sobre a escolha pela alfabetização bilíngue na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, trazendo para discussão pesquisas dos campos da educação, dados científicos e financeiros para debater os principais aspectos positivos da alfabetização bilíngue precoce, entre crianças de 0 a 6 anos, e os principais desafios.

1 O QUE DIZEM AS PESQUISAS

Os autores Hull e Vaid (2006) comprovaram através de estudos meta-analíticos que bilíngues expostos a uma alfabetização precoce ativavam os dois hemisférios cerebrais, enquanto monolíngues e bilíngues tardios apresentavam uma atividade cerebral dominante apenas no hemisfério esquerdo. Descobriram também, que a atividade bilateral era uma característica da idade de exposição dos bilíngues que tiveram o início a aquisição antes dos seis anos. Após essa faixa etária, eles concentravam a atividade apenas no hemisfério esquerdo como monolíngues.

Outros pesquisadores como Kovelman et al. (2008), Parker Jones et al. (2012) e Palomar-García et al. (2015) reforçam estas pesquisas, ao defenderem que sujeitos bilíngues exibem maior ativação em comparação aos monolíngues, além de envolver uma rede mais complexa de áreas neurológicas para processar a língua materna (L1).

Apesar das divergências de autores quanto à eficiência (ERVIN, 1964; HULL; VAID, 2006), uma coisa é cientificamente comprovada: a fase de 0 – 6 anos, é onde o



aprendiz tem a maior capacidade cognitiva de aprender, assimilar e compreender novidades.

Entretanto, existem diversos desafios ao longo da alfabetização bilíngue precoce. Primeiro, os autores falam da necessidade que essa criança desenvolva proficiência em ambas as línguas, para que ela possa ser devidamente classificada bilíngue, e para que não haja hierarquização entre as diferentes línguas (BUTLER; HAKUTA, 2004). Além disso, os pais devem ficar atentos para que a criança, ao adquirir o segundo idioma, não perca o primeiro. Para isso, as línguas devem ser valorizadas dentro do ambiente familiar, e a criança deve ser exposta não apenas dentro do ambiente escolar a segunda língua (L2), mas deve interagir com diferentes artefatos culturais – livros, vídeos, músicas, jogos – que possibilitem a esta criança construir sentidos para esta nova língua.

Butler e Hakuta (2004) abordam também a importância e necessidade que seja ensinada e explicada a importância de cada idioma, e da cultura que o cerca. Para isso, surge a necessidade de haver um sentido para a criança e para a família no aprendizado deste novo idioma, e que o ensino bilíngue não seja utilizado apenas como uma questão de *status*, e sim com um propósito de aprendizado. O que muitas vezes não ocorre nas famílias que tentam alfabetizar seus filhos em um segundo idioma, é que a ausência do contato da criança com o segundo idioma fora do ambiente escolar acaba minimizando a importância do idioma não utilizado socialmente em relação ao utilizado socialmente.

É necessário que ao optar por uma educação bilíngue, os pais optem também por um estilo de vida que influencie a convivência dos dois idiomas, se não de forma igual, que ao menos a convivência com o mesmo ocorra em ambientes além da escola. Baker e Jones (1998) atentam para a forma como esse ensino pode ser realizado de forma eficaz e estimulante:

Uma forma eficaz de ensinar uma segunda língua a uma criança é usar essa língua com a criança na vida diária, enquanto está comendo, bebendo, brincando com brinquedos. Cantando, contando histórias, pintando, fazendo jardinagem, culinária, compras e assim por diante. Motivação não é um problema porque essas atividades interessantes são intrinsecamente motivadoras. O nível de linguagem requerido não é alto, e a compreensão não é um problema porque a língua é usada em contextos concretos e familiares, com muitos estímulos visuais (BAKER; JONES, 1998, p. 491).



Ao pensarmos em contato com um idioma, não nos referimos somente com viagens ao exterior, estamos nos referindo a um contato com a cultura em si. Hoje em dia, podemos viajar para os Estados Unidos e sequer utilizar o inglês, afinal existem atendentes e guias falando os mais diversos idiomas. Ao citarmos o contato com a cultura e o idioma, nos referimos a tudo que o país pode produzir: músicas, filmes, literatura. Conhecer um pouco mais da história, das figuras importantes é outra forma de dar importância e transportar a criança para a realidade da língua estudada e dos países que a utilizam.

Wadsworth (1987) observa que o conhecimento não surge apenas das percepções. O autor cita que ninguém conhece algo simplesmente por ter contato com aquilo, ou porque viu alguma coisa. Na verdade, o conhecimento surge da assimilação entre o contato e as percepções que surgem após esse contato. O processo de construção, passa então pelo conhecimento e pela experiência.

A autora Barbara Zurer Pearson, no livro *Raising a Bilingual Child* fala sobre os 12 mitos que as pessoas, especialmente os pais, costumam crer serem reais relacionados aos aspectos negativos da alfabetização bilíngue. A autora cita no livro que um dos principais mitos e temores, é o de que crianças bilíngues tendam a começar a falar depois de crianças monolíngues. Entretanto, os estudos realizados até hoje, desmentem esta teoria, e expõem que o desenvolvimento verbal da criança não está relacionado ao bilinguismo ou ao monolinguismo e sim na influência externa. Os estímulos familiares, escolares e do ambiente social onde a criança está inserida, é que irá acelerar ou atrasar sua fala.

Butler e Hakuta (2004), em sua obra citam que algumas das pesquisas realizadas na década de 60, apresentavam algumas falhas metodológicas, que podemos até considerar graves, pois apresentavam distorções nos resultados apresentados. Essas pesquisas indicavam um controle inadequado da inteligência não verbal, relacionando o ensino da L2 com a dificuldade da criança na comunicação, e no desenvolvimento acadêmico. Porém, estes estudos apresentavam falhas relacionadas ao nível



socioeconômico e de domínio da língua de origem nas quais as entrevistas foram realizadas. As crianças entrevistadas, apresentaram desde falhas na compreensão do questionado, e nem todas as crianças estavam em situações devidamente controladas, onde o bilinguismo poderia ser considerado o único fator a alterar positiva ou negativamente o aprendizado dessas crianças. Muitas, de origens humildes e filhos de imigrantes, não possuíam em casa um conhecimento da L2 prévio a inserção no contexto, por este motivo, ao serem estudadas e entrevistadas, diferentes fatores, como econômicos, sociais e até mesmo interacionais influenciaram os resultados. À época, essas falhas não foram identificadas, e o alarde sobre os prejuízos da alfabetização bilíngue se tornaram mundialmente divulgados (BUTLER; HAKUTA, 2004).

Hoje é possível considerar que os resultados dessas pesquisas, que indicavam baixo desempenho intelectual, estavam mais associados com a parca disponibilidade de recursos socioeconômicos das crianças e às informações dos entrevistados, do que ao bilinguismo propriamente.

Infelizmente, essas pesquisas realizadas com falhas, geraram diversos preconceitos em relação ao bilinguismo, gerando desconfiança quanto à alfabetização das crianças em mais de um idioma. Hoje se sabe que na verdade não existem estudos que comprovem esses prejuízos cognitivos, muito pelo contrário, estudos indicam que independentemente da quantidade de idiomas que a criança será exposta, a velocidade a qual ela irá desenvolver a fala irá depender de diversos outros fatores, que não incluem o idioma em si, mas o estímulo dos pais, o contato com o meio social e até fatores externos.

Ainda no campo biológico, a neurociência tem apresentado explicações sobre aprendizagem e o cérebro bilíngue. As novas pesquisas desta área têm nos apresentado, que há diferenças entre cérebros de bilíngues e monolíngues (PARADIS, 2003). Acredita-se que a estrutura do cérebro humano pode vir a ser modificada pela experiência do aprendizado de uma segunda língua. Estes pesquisadores asseguram que as crianças e os indivíduos bilíngues apresentam uma maior densidade, volume, de massa cinzenta no lobo parietal inferior do hemisfério esquerdo e que essa região está relacionada à proficiência do aprendizado e domínio da linguagem, e que essa reorganização estrutural



está também associada à idade de aquisição do segundo idioma. O que isso quer dizer? Os autores descobriram através de estudos neurológicos, que o cérebro dos bilíngues possui uma densidade maior, na região esquerda do crânio que concentra a área de linguagem. A organização dessa área do cérebro está diretamente relacionada à idade em que esse idioma foi aprendido.

Dessa forma podemos concluir que uma criança que esteja submetida a um ensino bilíngue, pode não apenas ter um rendimento tão bom quanto uma educada de forma monolíngue, como pode vir a obter um rendimento superior, desde que haja em casa e na escola uma consonância nos estímulos em ambas as línguas.

2 ALFABETIZANDO EM DUAS LÍNGUAS

A principal vantagem destacada está na facilidade de aprendizado das crianças nessa fase. O que muitas vezes é visto como o principal temor dos pais, a possibilidade das crianças de se depararem com uma dificuldade em elaborar gramaticalmente a função do que é aprendida, elas conseguem assimilar de forma muito mais fácil e informal. Comprovou-se em estudos, que não há a necessidade da criança em classificar formalmente o que está sendo aprendida no segundo idioma, ela irá aprendê-lo tal qual fará com a língua materna, de forma lúdica, informal e natural (BUTLER; HAKUTA, 2004).

Estudos recentes da Concordia University, York University e Université de Provence, relataram em um artigo científico no periódico acadêmico *Journal of Experimental Child Psychology*, que após um estudo com 63 crianças de 2 anos, pode-se perceber que as crianças não só não confundem os significados e as línguas, como a pesquisa ainda corrobora a ideia de que a atenção se torna mais focada, e o motivo principal seria o fato de uma criança bilíngue precisar sempre estar mais atenta tanto para ouvir quanto para formular respostas, devido a dupla possibilidade linguística na qual ela se relaciona.

Toda a habilidade necessária para controlar a atenção do aprendiz, que é desenvolvida de forma específica, que perpassa a ativação e identificação de sistemas neurológicos competitivos será uma das características que diferenciará os bilíngues dos



monolíngues, pois essa mesma habilidade será responsável por todas as competências linguísticas e cognitivas do bilinguismo (BIALYSTOK, 2009).

Para tentar explicar essa capacidade de concentração redobrada do bilíngue, a psicóloga Viorica Marian, da Universidade Northwestern, fez uma experiência com objetos e um monitor de olhos para avaliar o raciocínio de indivíduos bilíngues quando objetos eram escolhidos. A pesquisadora utilizou de palavras parecidas em idiomas diferentes, e ao escolher as palavras “selo” em russo, e “caneta” em inglês, palavras que são parecidas, notou que os voluntários bilíngues em russo-inglês, apesar de escolherem sempre o objeto correto, à primeira vista sempre olhavam inconscientemente para o outro objeto. Esse gesto notado na experiência demonstra que as duas línguas disputam a atenção do bilíngue, fazendo com que quando ele precise falar, escrever ou utilizar de uma das línguas, o cérebro dele ficará ocupado, tentando separar os diferentes idiomas e inibindo a associação com o idioma não necessário no momento. Bialystok (2009) chama esse movimento de inibição de informações irrelevantes em determinado momento de “sistema executivo”.

A pesquisadora Bialystok (2009), realizou uma pesquisa com frases com erros gramaticais e erros estruturais com monolíngues e bilíngues. Ao colocar frases com erros gramaticais, com tempos verbais errados os monolíngues e bilíngues obtinham o mesmo resultado, porém ao mudar as frases para estruturas corretas, mas sem nexos como “maçãs crescem em narizes”, a atenção dos monolíngues era dispersa pelo foco nas falhas gramaticais enquanto os bilíngues que possuem um grau de atenção maior facilmente notavam.

Deprez (1994), ao falar sobre o assunto cita que a atividade reflexiva, também conhecida como atividade metalinguística, aparece na criança bilíngue tentando se adequar ao interlocutor da conversa. Pelo julgamento do que é dito por ele e pelo que ela ouve, pelas auto correções – que tenta traçar uma aproximação da mensagem, nem sempre compreendendo todo o seu contexto. A autora ainda afirma que o bilíngue precoce considera a língua como sendo uma característica da pessoa, como poderia ser a voz ou a cor dos olhos. A criança aprende qual língua deverá usar para se comunicar



com determinado interlocutor e subentende que a mistura de mais de uma língua não é correta, pois se torna incompreensível para aqueles que não dominam um dos dois idiomas e aprenderá a quem cabe cada idioma e quais são as pessoas capazes de lhe compreender nesses idiomas. Tudo isso, de acordo com a autora contribui para um trabalho neurológico reforçado, pois cada mínima ação de conversação, desperta inconscientemente na criança um trabalho maior de atividade metalinguística quando comparado com uma criança monolíngue.

Pesquisas indicam também que quanto mais tardiamente os indivíduos aprendem e ou adquirem um domínio de um segundo idioma, maiores serão as possibilidades de interferência e as possibilidades de surgirem dificuldades nos traços de sotaque, ritmo, entonação e nos sons da fala de sua primeira língua na produção da segunda (ROCCA, 2003). Quando o aprendizado é feito através de transferência, o conhecimento do primeiro idioma, de acordo com os autores, irá influenciar na assimilação do segundo, e conseqüentemente em outros aspectos como sotaque, entonação etc.

Enquanto um adulto irá tentar enquadrar o novo idioma dentro de todos os padrões gramaticais e culturais colecionados ao longo de sua vida, a criança por estar descobrindo um novo mundo, irá assimilar cada palavra à imagem visual do objeto, pessoa, local, etc. Por exemplo, enquanto um adulto classificaria a palavra “bola” como substantivo feminino, no singular que representa um objeto redondo ou oval, feito de borracha, couro ou material semelhante cheio de ar, uma criança ao ouvir a palavra “bola” automaticamente pensa naquele “treco” redondo que ela usa para brincar. Não interessa a criança, especialmente por não ter ainda conhecimentos gramaticais, se é singular, plural, substantivo, adjetivo ou qualquer outra função. Ao falarmos “blue” ou “azul” a criança automaticamente imaginará a cor e nada mais.

Ainda de acordo podemos considerar que no bilinguismo está mais uma forma de se manter acesa a cultura de povos antigos ou esquecidos, culturas locais e até de tradições milenares. Vemos que apesar das mudanças sociais e culturais atuais, alguns povos ainda resistem em tentar manter suas tradições centenárias, milenares até. Nesse mundo cada vez mais globalizado, onde imigrações e as distâncias se tornam corriqueiras



e muitas vezes as tradições desses pequenos grupos e comunidades correm o risco de cair no esquecimento, o bilinguismo, através da educação bilíngue, ganha força segundo a definição da UNESCO (1954, apud BOTELHO, 2002, p.13) de que é “o direito que tem as crianças que utilizam uma língua oficial de serem educadas na sua língua”. Dessa forma, povos indígenas ou imigrantes possuem não só o direito de ensinar aos seus filhos o idioma de seus ancestrais e manter acesa a cultura do seu povo, mas também possuem o direito do Estado em incentivar que essa cultura seja mantida. Em alguns países como na China, no Japão, vemos que há um incentivo para que as crianças mantenham acesa a cultura dos seus avós e antepassados, não só na literatura, mas em todos os hábitos culturais, através das músicas, danças, comemorações, etc.

Uma criança exposta ao bilinguismo de forma prematura também pode ganhar um olhar mais crítico e aberto do mundo. Uma criança alfabetizada em outro idioma não aprende apenas o alfabeto, mas toda a herança cultural vinculada ao idioma que está sendo ensinado, assim como ocorre com seu idioma natal. Essa visão de mundo precoce pode dar à criança as noções de diferenças sociais, de consciência das mudanças e diferentes hábitos que existem no mundo, podendo traçar um paralelo não só entre as culturas as quais está sendo exposta, mas entre elas e as outras existentes. Essa criança bilíngue ganha à possibilidade de visualizar as diferenças com um olhar mais espontâneo, percebendo que as diferenças fazem parte da normalidade, e que preconceitos não devem ser perpetuados. A criança não só vê a distância as diferenças que a fazem acreditar em conceitos religiosos, políticos e até na formação cultural do seu país, ela aprende formalmente as razões pela qual cada local tem suas características, e aprendendo o idioma de um novo local, ganha a possibilidade de criar afeto pela outra cultura.

Os PCN de Língua Estrangeira elaboram um exemplo para podermos melhor explicitar o ganho cultural possível através de uma leitura:

Por exemplo, considerem-se as dificuldades que um aluno iniciante brasileiro de francês, pouco familiarizado com a cultura francesa, enfrentaria para ler um texto que descrevesse o ritual que envolve uma refeição tradicional na França ou o funcionamento do metrô de Paris na



hora de maior movimento. Ao mesmo tempo, é esse tipo de conhecimento que pode, com o desenvolvimento da aprendizagem no nível sistêmico, colaborar no aprimoramento conceptual do aluno, ao expô-lo a outras visões do mundo, a outros modos de viver a vida social e política, à possibilidade de reconhecer outras experiências humanas diferentes como válidas etc. (BRASIL, 1998, p. 30).

Como último exemplo positivo, podemos citar também o futuro acadêmico. Em um mundo globalizado e cada vez mais exigente, como o atual, ser bilíngue ou multilíngue representa um pré-requisito mínimo necessário para o mercado de trabalho e acadêmico, porém muitos dos ditos bilíngues, não passam de pessoas que possuem avançados conhecimentos em um segundo idioma, e não necessariamente possuem um domínio total e fluência. Essa vantagem pode se refletir em salários, promoções e um melhor desenvolvimento acadêmico.

A principal desvantagem apresentada hoje é o valor. Em janeiro de 2008, o valor médio de uma mensalidade em São Paulo era de R\$1500,00. Em média 50% a cima dos outros colégios. Em 2019, no Rio de Janeiro é possível encontrar colégios bilíngues que ultrapassem o valor de R\$5000,00 reais ao mês. Infelizmente o alto valor se torna um empecilho para muitos pais que gostariam de optar por esta metodologia de ensino.

Outra desvantagem, é que não havendo o incentivo e a utilização do segundo idioma aprendido, ele pode ser colocado em um nível hierárquico inferior ao utilizado em casa e socialmente, e assim o intuito de uma alfabetização bilíngue será prejudicado, podendo ser comparado a um aprendizado retardado ou apenas a um conhecimento avançado de um idioma, ficando longe da fluência pretendida.

Alguns psiquiatras alertam ainda, para que em alguns casos não haja um distanciamento da cultura do país de origem da criança, tendo em vista que exposta não só ao idioma, mas a cultura de um novo país e idioma, ela possa simplesmente tentar substituir uma cultura pela outra, quando na verdade deve absorver, de acordo com seus interesses claro, parcialmente de ambas. É necessário que a criança tenha conhecimento que é necessário manter as raízes na sua cultura natal, para que não haja uma sobreposição ou dúvidas de sua origem e de suas raízes e da importância social que



existe nisso. Uma ausência dessa consciência pessoal pode levar a criança não só a uma crise de identidade, mas a uma noção errada de quem é e do que pode ter ou não.

Recentemente alguns estudos relacionados à área do bilinguismo foram realizados, porém em sua maioria eles relacionam o estudo bilíngue à neurologia, e poucos estudos realizados tiveram impacto na parte social e pedagógica da questão. Porém, esses estudos ajudam a corroborar a ideia de que o estudo bilíngue precoce traz para as crianças inúmeras vantagens além do aspecto social.

A neurocientista Laura Ann Petitto, da Gallaudet University, nos Estados Unidos, descobriu em estudos recentes uma diferença entre bebês que crescem escutando um ou mais idiomas. De acordo com essa teoria os bebês com menos de um ano, seriam capazes de identificar qualquer idioma humano. Após um ano, os bebês seriam capazes apenas de compreender a língua materna. Porém, Petitto descobriu que crianças bilíngues ainda apresentam uma alteração neurológica, indicando uma maior atividade cerebral ao ouvirem línguas desconhecidas após esse período. A autora acredita que o contato com o bilinguismo proporciona a criança à capacidade de compreender com maior facilidade outros idiomas pelo resto da vida.

Em outros estudos recentes, cientistas do Kings College em Londres, e da Brown University em Rhode Island, estudaram crianças entre 1 e 6 anos, e descobriram que no período de 2 a 4 anos, existe uma “janela” na formação do cérebro que propicia o aprendizado e aperfeiçoamento da linguagem. Sean Deoni, um dos autores do estudo, cita a importância deste trabalho, tendo em vista que foi o primeiro a investigar a relação entre a estrutura do cérebro e a linguagem na primeira infância e consequentemente demonstrar como acontece a relação ao longo do passar dos anos.

A pesquisa publicada no *The Journal of Neuroscience*, foi realizada através do estudo da mielina, uma substância que existe no corpo humano desde o nascimento e que serve para a proteção do circuito neural, e através de escaneamento do cérebro.

O estudo comprovou que a mielina é fixada aos 4 anos, e por isso antes desse período há para as crianças imersas em um ambiente bilíngue a possibilidade de fixar muito melhor o aprendizado que após esse período. Os cientistas esperavam encontrar



uma taxa de mielina concentrada ao lado esquerdo do cérebro, onde a parte da linguagem é desenvolvida, porém eles descobriram que a quantidade de mielina se mantém constante.

Jonathan O'Muircheartaigh, outro autor do estudo, disse à rede britânica BBC:

Uma vez que o nosso trabalho parece indicar que os circuitos do cérebro associados com a linguagem são mais flexíveis antes dos quatro anos de idade, a intervenção em crianças com atraso na execução da linguagem deve ser iniciada antes dessa idade crítica.

O que ressalta não só que o aprendizado precoce se dá com maior facilidade, como também indica que antes dos quatro anos é a idade ideal para a identificação de doenças relacionadas ao sistema neural, como o autismo e outros distúrbios de desenvolvimento que muitas vezes afeta o aprendizado infantil, especialmente na idade de alfabetização.

As pesquisadoras Laurent e Martinot (2010) investigaram também o desenvolvimento da consciência linguística entre crianças de oito e dez anos, que foram expostas a um aprendizado “precoce” de uma segunda língua. Laurent e Martinot chegaram à conclusão que essas crianças que haviam sido submetidas a essa instrução bilíngue precoce, haviam desenvolvido uma consciência fonológica mais ampliada que as crianças monolíngues de mesma idade.

Bialystok (2007) também acredita que crianças bilíngues não são mais inteligentes, desenvolvidas ou conhecedoras que as monolíngues; a autora cita que de acordo com os estudos realizados, as crianças bilíngues na verdade, possuem como vantagem apenas uma capacidade mais elevada em controlar o uso de seus conhecimentos no desempenho das tarefas, pelo exercício constante desenvolvido através do contato com os dois idiomas, e não uma capacidade mental superior.

Dando sequência a esse pensamento, Baker (2000) acrescenta que as crianças bilíngues também adquirem uma visão mais realista e consciente da natureza arbitrária da língua, e adiciona ainda que o fato de terem o conhecimento e o domínio de mais de um



idioma para um só conceito, pode tornar seus pensamentos e as próprias crianças em pessoas mais criativas.

Piaget (1973, p. 38), explica que “inteligência é adaptação na sua forma mais elevada, o equilíbrio entre uma assimilação contínua das coisas à atividade própria e a acomodação desses esquemas de assimilação às coisas em si”. O autor completa ainda falando que “toda a inteligência é um processo de adaptação” (PIAGET, 1973, p. 38).

Por isso, mais uma vez, cabe ressaltar que isso não comprova e nem corrobora a ideia de uma capacidade mental superior de bilíngues em relação a monolíngues, apenas atesta que a educação bilíngue não possui aspectos negativos quanto à capacidade mental, e que o estudo e uso em longo prazo de mais de um idioma, só apresenta vantagens nos âmbitos sociais, educativos além de ajudar em capacidades neurológicas, como memória, atenção e desenvolvimento neurolinguístico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as devidas considerações voltamos ao foco principal, o bilinguismo na educação infantil e anos iniciais, e refletir através de uma revisão bibliográfica sobre a escolha pela alfabetização bilíngue na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Neste artigo, foi possível observamos através de diferentes autores diferentes fatores, neurológicos e culturais pelos quais a idade entre 0-6 é considerada a mais adequada para o início da alfabetização bilíngue e o ensino de um segundo idioma.

Ao longo do artigo, podemos observar também, diferentes fatores que corroboram o ensino bilíngue precoce, posto que os autores apresentados, compreendem não apenas que durante a educação infantil e os anos iniciais, as crianças em processo de alfabetização na L1 conseguem não apenas desenvolver a leitura, escrita e o domínio de uma língua, como seria capaz de desenvolver as mesmas habilidades em uma segunda língua. Esse processo de apropriação da escrita e da leitura, conforme estudos apresentados, não acarretaria em atrasos de alfabetização, nem em déficits cognitivos como pesquisas mais antigas apontavam.



As pesquisas mais recentes, defendem que o ensino bilíngue proporciona a criança maior controle da atenção, uma atividade cerebral mais intensa, e que a faixa etária de 0 – 6 anos, ainda facilita o aprendizado de um idioma, em virtude do processo de maturação neurológica, criando uma “janela de oportunidade” para diferentes aprendizados.

Entretanto, como podemos destacar previamente, existem diversos motivos que ainda pesam contra o ensino bilíngue, infelizmente a maior parte deles motivados por mitos e condições sociais que não condizem com a capacidade ou qualidade do resultado obtido pelo ensino bilíngue precoce. Estudos infelizes na área, com resultados falhos e com poucas pesquisas com reais interesses na comprovação pedagógica, fizeram com que os benefícios e as evoluções psicopedagógicas e sociais de alunos expostos a essa modalidade de ensino ficassem a sombra dos prejulgamentos errôneos.

Além disso, o ensino bilíngue muitas vezes está associado ao chamado de bilinguismo de elite, que conforme Cavalcanti (1999) destaca, está atrelado à aprendizagem de línguas de maior prestígio internacional, como inglês ou francês. Neste sentido, poucas oportunidades são oferecidas para estudantes de origens de grupos minoritários, como imigrantes e indígenas, ou ainda de baixo poder aquisitivo.

As propostas de ensino bilíngue na educação básica no Brasil, ainda são episódicas e dependentes de políticas públicas e linguísticas regionais, oportunizando, na maioria das vezes, apenas que estudantes de maior poder aquisitivo ingressem em um ensino bilíngue.

REFERÊNCIAS

BAKER, C.; JONES, S.P. **Encyclopedia of bilingualism and bilingual education**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

BIALYSTOK E, CRAIG F. I.; FREEDMAN M. Bilingualism as a protection against the onset symptoms of dementia. **Neuropsychologia** 45: 459–464, 2007. doi:10.1016/j.neuropsychologia.2006.10.009.



BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: Ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. In: **Diário Oficial da União** de 23 de dez. de 2005, Brasília, 28 p., 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – 3º. e 4º. ciclos. Brasília: SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** - Introdução. Brasília: SEF, 1997

BUTLER, Y.G.; HAKUTA, K. Bilingualism and second language acquisition. In: Bhatia, T.K.; Ritchie, W.C. **The Handbook of Bilingualism**. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

CAVALCANTI, M. C.. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo - SP, v. 15, p. 385-417, 1999.

DEPREZ, C. **Les enfants bilingues** : langues et familles. Paris: Didier, 1994.

DIAZ, R.M. Thought and two languages: the impact of bilingualism on cognitive development. **Rev. Res. Education**, p. 23-54, 1983.

ERVIN, S.M. Language and TAT content in bilinguals. **J. Abnormal Social Psychol.** v. 68, p. 500-507, 1964.

HORNBERGER, N. Extending enrichment bilingual education: revisiting typologies and redirecting policy. In: GARCIA, Ophelia. (Ed.). **Bilingual education focus in honor of Joshua A. Fishman**. v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 215-234.

HULL. R.; VAID, J. Laterality and language experience. **Laterality: Asymmetries of Body, Brain and Cognition**, 11 (5): 436-464, Sep., 2006.

KOVELMAN, I., BAKER, S.A.; PETITTO, L. Bilingual and Monolingual Brains Compared: A Functional Magnetic Resonance Imaging Investigation of Syntactic Processing and a Possible “Neural Signature” of Bilingualism. **Journal of Cognitive Neuroscience** 20(1), 153- 169. NIH-PA Author Manuscript., 2008.

MEGALE, A. H. Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005.



PALOMAR-GARCÍA, M., BUEICHEKÚ, E., ÁVILA, C., SANJUÁN, A., STRIJKERS, K. VENTURA-CAMPOS, N.; COSTA, A. Do bilinguals show neural differences with monolinguals when processing their native language? **Brain & Language**, 142, 36-44, 2015

PARADIS, M. **Differential use cerebral mechanisms in bilinguals**. Banich, M.T., 2003

PARKER JONES, O., GREEN, D. W., GROGAN, A., PLIATSIKAS, C., FILIPPOPOLITIS, K., PRICE, C. J. Where, when and why brain activation differs for bilinguals and monolinguals during picture naming and reading aloud. **Cerebral Cortex**, 22(4), 892-902, 2012.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/ Unesco, 1973.

ROCCA, P.D.A. Bilingualism and speech: evidences from a study on VOT of english and portuguese voiceless plosives. **DELTA**. 19 (2), 303-328, 2003.

WADSWORTH, P.; WEI, L. **The Bilingualism Reader**. 5a ed. London and New York: Routledge, 2006.